



**VI** Congresso Internacional  
**UFES/Paris-Est**  
*Culturas políticas e conflitos sociais*



*LEMBRANÇAS CANTADAS: A PRÁTICA DO CONGO COMO PROCESSO DE  
TRANSMISSÃO DE SABERES POPULARES E FORTALECIMENTO DA  
MEMÓRIA E IDENTIDADE DA VILA DE REGÊNCIA AUGUSTA*

Patrícia Flávia dos Santos Cau<sup>1</sup>

Ailton Pereira Morila<sup>2</sup>

**Resumo:** Regência Augusta faz parte do município de Linhares. Trata-se de um pequeno vilarejo, rodeado pela foz do Rio Doce e o mar. A população local vive basicamente da pesca, do artesanato e do turismo. Em maior parte, esses indivíduos são descendentes da miscigenação entre indígenas, negros e brancos, comumente chamados de caboclo. Acima de tudo, são sujeitos cheios de histórias, vivência, experiências, de lutas, de saberes e fazeres, evidenciando um conhecimento simbólico, que busca legitimar sua cultura. Certos da importância das práticas culturais na construção e identidade da vila de Regência Augusta, a proposta desse estudo se dará em conhecer e investigar as bandas de congo locais, buscando analisar como esse

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais – Universidade Federal do Espírito Santo. Mestranda em Ensino na Educação Básica (Linha de pesquisa em Ensino, Sociedade e Cultura: Ciências Humanas e Sociais) na instituição Centro Universitário Norte do Espírito Santo, São Mateus – ES. patriciaflaviacau@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em história pela FFLCH-USP. Mestre e Doutor em educação pela FEUSP. Professor do programa de em Ensino na Educação Básica. apmorila@gmail.com

processo social mantem as relações culturais, a memória e a identidade, não permitindo que aconteça o processo de amnésia cultural.

Palavras - chave: Memória; Identidade; Congo; Saberes populares; Regência Augusta

**Abstract:** Regência Augusta is part of the municipality of Linhares. It is a small village, surrounded by the mouth of the Rio Doce and the sea. The local population lives mainly on fishing, handicrafts and tourism. For the most part, these individuals are descendants of the miscegenation between natives, blacks and whites, commonly called caboclo. Above all, they are subjects full of stories, experiences, struggles, knowledge and actions, evidencing a symbolic knowledge, which seeks to legitimize their culture. Certain of the importance of cultural practices in the construction and identity of the town of Regência Augusta, the goal of this study will be to know and investigate the local congo bands, seeking to analyze how this social process maintains cultural relations, memory and identity, not allowing the process of cultural amnesia to take place.

Keywords: Memory; Identity; Congo; Popular knowledge; Augusta Regency

Esse trabalho busca refletir a importância da história oral no processo de preservação da memória coletiva de Regência Augusta. Regência Augusta<sup>3</sup> é um pequeno povoado de Linhares/ES, posicionada mais especificamente, na região litorânea do município. Além das águas do mar, o lugar é banhado também pelo rio Doce que, desce de Minas Gerais atravessando o estado até desaguar na praia de Regência Augusta. O rio caudaloso e barrento é reconhecido pela força de suas águas,

---

<sup>3</sup> A praia de Regência está a 53 quilômetros do centro de Linhares, por via parcialmente asfaltada pela Petrobrás entre os anos de 2004 e 2005. A entrada está a 9,5 km da sede, pela Rodovia BR - 101 no sentido norte-sul. Informação retirada do livro Linhares: 1800-2005 História, cultura e atualidade de Elber Suzano.( 2005, p.24)

que ao se lançar no Atlântico ainda é possível de ser visto há mais de seis quilômetros de mar adentro.

A praia é famosa mundialmente pela prática do surf<sup>4</sup>, ocorrência que nasce pelo espetacular encontro das águas do rio Doce com o mar, fazendo com que as condições para prática sejam ainda mais favoráveis. As grandes e estrondosas ondas contrastam com o clima tranquilo e silencioso da pequena vila.

A comunidade vive basicamente da pesca, do artesanato e do turismo. Em maior parte, eles são descendentes da miscigenação entre índios, brancos e negros. São pessoas simples, mas cheias de histórias, de vivência, de experiências, de lutas, de saberes e fazeres, que buscam perpetuar suas práticas garantindo-as de geração em geração.

A origem de Regência Augusta esta intimamente ligada ao rio Doce. Tudo começou em 1800 quando o lugar ainda era selvagem e primitivo, as águas do rio eram fundas e as frentes de vento sul as deixavam ainda mais perigosas. A mata tropical cobria as margens e em meio às árvores nativas, indígenas e animais viviam harmoniosamente. Tudo era uma grande mata, e o que se ouvia era o barulho da correnteza, de pássaros e o canto dos botocudos.( ZUNTI, 2000, p. 18)

---

<sup>4</sup> As ondas da praia de Regência são consideradas pelos surfistas brasileiros uma das melhores para a prática do esporte no litoral brasileiro, comparadas com as praias de Floripa, Maresias e Saquarema. Segundo contam os amantes deste esporte, numa única praia se encontram 3 ondas distintas: Ondas longas - perto da boca do rio Doce, são as ondas mais extensas do ES, conhecidas como "primas de Bali". São ótimas para manobras. Ondas lisas- no Point 1 e Point 2, são curtas, quebram na praia e sugem em duas direções: para esquerda e para direita, parecidas com as ondas de Puerto Escondido, no México. Ondas tubulares - no Point 1 e Point 2, surgem em duas direções: para esquerda e para direita, permitindo a emoção de sentir a força da natureza envolvendo o corpo e a alma. A foz do rio Doce tempera a água do mar tornando-a mais pesada, fazendo com que diminua a velocidade, enquanto que a presença de mais oxigênio gera maior quantidade de espuma, facilitando o fluxo da prancha. Seu pontal se lança oceano a dentro, fazendo com que a praia fique em mar aberto. Retirado do site: <http://www.regencia.org.br/surfe.htm>

O rio era amado e protegido pelos indígenas e a ele deram o nome de VATU, provavelmente uma variação da palavra uatu, que significa rio. Muito tempo depois, um outro nome foi atribuído ao rio: seguindo uma história antiga, um grupo de navegadores portugueses que passaram pela foz encontrando água doce há mais de 6 milhas da barra deram-lhe o nome de Rio Doce. ( ZUNTI, 2000, p. 21)

Poucos se atreviam a passagem dessas terras pelo perigo do rio e também por causa dos habitantes selvagens. Ocorre que, o então governador da época Antônio Pires da Silva Pontes viu que a região poderia trazer benefícios monetários para o estado, uma vez que o curso das águas ligava áreas importantes para o comércio indo do interior ao litoral do país. A partir daí, ele decidiu utilizar o curso como rota de transporte para fins comerciais, e para proteger a navegação, o governador ordenou a construção de vários quartéis militares.

Dois quartéis são significativos para o surgimento de Regência Augusta: O primeiro que foi construído na foz, onde o rio se encontra com o mar, que foi chamado de Regência Augusta, em homenagem ao a D. João, príncipe Regente na época. O segundo foi chamado de Coutins, sendo esse o primeiro nome de Linhares. (ZUNTI, 2000, p.38)

Com a rota assegurada, o fluxo de navegação começou a se expandir e muitas mercadorias eram trazidas do litoral brasileiro pelas embarcações a vapor com destino principalmente a Minas Gerais. Os barcos passavam pela foz do rio Doce<sup>5</sup> em Regência Augusta e seguiam subindo até a Serra da Mantiqueira. O rio que cruza o estado do Espírito Santo em 180 km de extensão de leste a oeste foi cenário de muitas histórias construídas ao longo do tempo. (ZUNTI, 2000, p. 22)

---

<sup>5</sup> O Rio Doce nasce em Minas Gerais, na serra da Mantiqueira e é formado pelos rios Chopotó e Piranga. Tem cerca de 800 km de extensão, sendo que os últimos 180 km no Estado do Espírito Santo. Atravessa o estado de oeste para leste e entra no Espírito Santo na parte oeste do município de Baixo Guandu, através de Escadinha (hoje submersa), e desagua no oceano Atlântico em Regência Augusta, município de Linhares.

A abertura dos portos abre caminho também para os expoentes da história que, marcam a memória e o tempo da nossa região com registro dos testemunhos do que viram e do que viveram. Muitos se atreveram a explorar essas terras e registrar sua passagem por ela, os relatos contêm basicamente uma descrição do lugares, algumas orientações, recomendações sobre os perigos e riscos, ilustrações e observações pessoais. Auguste Saint -Hilaire e Levy Rocha são dois desses historiadores que contribuíram com seus escritos registrando um panorama rico em detalhes e anotações sobre a passagem do rio Doce pela região, principalmente sobre Linhares, que é o foco deste trabalho.

Essas obras são fonte de pesquisa e orientam o entendimento na relação do tempo presente diante da história significativa de linhares, por isso mesmo, autores mais recentes não puderam deixar de recorrer a eles para embasar suas pesquisas. E assim também nesse trabalho que fala de memória não se abandona os que guardam e garantem a permanência da tradição cultural.

Para tanto esse relato começa apresentando o estudioso linharenses Elber Suzano que escreveu o livro Linhares (1800 - 2005): História, cultura e atualidade. Ele traz um estudo relevante sobre o surgimento do município e conseqüentemente de Regência Augusta. Em suas anotações, ele descreve a importância do rio para origem da cidade.

O Rio Doce teve papel importante na formação do município de Linhares. Foi através dele que, em 1800, entre os meses de agosto e setembro, os primeiros colonizadores chegaram à região e implantaram um quartel destinado a proteger a navegação até a capitania de Minas Gerais. Com a missão de formar quartéis, o então governador da época, determinou a criação de um deles na foz do Rio Doce, chamado de Regência Augusta. Suzano, 2005, p. 28.

Nele, no rio Doce, desceu em 1860 D. Pedro II e antes e depois dele, muitos outros visitantes afamados. Era certo que o rio constituía a possibilidade de navegação, do porto de Souza, perto da Cachoeira das Escadinhas, até sua foz, em Regência Augusta, no oceano. Mas entrar ou sair pela foz, na barra do rio, nem sempre foi provável sem perigos. Na desembocadura, o rio é enorme e havia dois canais de passagem, que nem sempre estavam abertos. A movimentação dos bancos de areia, mas o vento e as variações da maré alteravam os canais, transformando a travessia num verdadeiro perigo. (ROCHA, 1980, p.30)

Em 1800 o rio era temido pela sua beleza e imponência, a sua margem era coberta pela floresta tropical e nela existia uma variedade de plantas e animais. A terra era fértil, cheia de vida e riqueza, mas era também selvagem, habitada pelos indígenas da tribo botocudos que viviam em grande parte da região.

No Panorama Histórico de Linhares a historiadora Maria Lúcia Zunti (2000, p.26) explica que “toda região ocupada hoje pelo município e áreas vizinhas era habitada por um grupo indígena, da grande nação gê de nome **botocudo**”. (uso de negrito do autor)

Zunti (2000, p. 28) inclui ainda que,

Diante da ação expansionista do colonizador, na região do rio Doce, os antigos donos da terra tiveram apenas dois caminhos: ou submeter-se ou fugir. O primeiro foi feito a duras penas, tanto de um lado como de outro, e o segundo, isto é, fugir, chegou a um ponto que a expansão do branco tornou isso impossível. Não podendo ou não tendo mais para onde fugir se miscigenaram ou aculturaram. Aculturando-se, ou perderam-se no tempo e na história ou ficaram marginalizados. (grifo do autor)

A professora Regina Lúcia Rabello Reis (2003, p. 30) em seu texto Caboclo Bernardo: História e cultura da barra do Rio Doce, acrescenta que a expansão

comercial da rota contribuiu na destribalização<sup>6</sup> indígena da terra. Segundo ela, “no séc. XVIII, com as minas de ouro exauridas e objetivando o contínuo progresso das Minas Gerais, foi aberta a navegação do rio Doce, viabilizando alternativas de comércio, o que culminou com o extermínio dos botocudos”.

O caminho se tornou de grande importância, com fluxo intenso de navios, surgindo à necessidade de implementação e melhorias nas condições de navegação. Foi o progresso que favoreceu a feitura do quartel e mais tarde o farol<sup>7</sup> na boca da foz: o farol foi colocado para que as embarcações pudessem viajar e se orientar, principalmente durante as passagens noturnas ou em dias de chuva, e o quartel para proteger dos supostos ataques indígenas.

Infelizmente, Regência Augusta guarda a triste memória do extermínio das tribos indígenas, que sofreram amargamente o desenvolvimento e o avanço da terra. Poucos sobreviveram, e esses acabaram sendo destribalizados. Suas histórias se entrelaçam a outras tantas histórias de vida: histórias de viajantes, de mercadores, de pescadores, histórias de gente que vinha de toda parte, de gente que passava e de gente que ali ficava.

De tal modo os botocudos foram incorporando novas formas de viver/sobreviver: a vila foi nascendo, se construindo em memórias, e lembranças, misturando o jeito de

---

<sup>6</sup> Termo utilizado pela autora como processo de submissão dos botocudos a cultura dos colonizadores.

<sup>7</sup> O farol só foi construído em 1895 após a tragédia com o navio Imperial Marinheiro na foz do rio Doce. Em 1998, a Associação de Moradores de Regência pede o tombamento do farol, alegando ser ele o representante de toda transformação geográfica, histórica, cultural e econômica do rio Doce e da vila de Regência. FAROL DO RIO DOCE: possui proteção legal com a resolução nº5/1998 do conselho estadual de cultura. Inscrição no Livro do Tombo Histórico sob o nº 187, FOLHAS 31V E 32. Informação retirada da série Patrimônio Cultural do Espírito Santo, volume inicial que apresenta os bens imóveis tombados no estado. p 111.

viver indígena ao povo branco, negro, rico ou pobre. E o fruto desses são os pertencentes de Regência Augusta: os que chamamos de nativos e caboclos<sup>8</sup>.

É nesse cenário que muitas lembranças foram erguidas, e é a partir delas que outros se fizeram significativas às tradições locais. Eclea Bosi (1994, p. 53) diz que “A lembrança é a sobrevivência do passado”.

Regência Augusta guarda a lembrança gloriosa do tempo antigo: um momento de abundância. As histórias criadas em torno do Rio Doce, por exemplo, sempre fazem menção a sua grandiosidade, vestígio de narrativas que possivelmente foram trazidas pelos navegadores que faziam a rota comercial e relataram a passagem pela foz como volumosas e perigosas.

No livro *Caboclo Bernardo: O naufrágio do Imperial Marinheiro*, Norbertino Bahiense traz um registro do geólogo canadense Charles Frederick Hartt que passou pela região entre 1866/1867 fazendo anotações sobre a barra do rio Doce, em seu relato ele diz: “A foz é larga, baixa e obstruída por uma barra, na qual as ondas se quebram furiosamente. É sempre difícil, e algumas vezes durante semanas consecutivas é impossível entrar no rio Doce, e muitos navios se tem perdido ao tentarem-no.” (BAHIENSE, 1971, p.71)

Nobertino Bahiense, Maria Lúcia Grossi Zunti, Levy Rocha, Regina Rabelo, Elber Suzano e tantos outros que não foram citados aqui contribuíram com a história da região local, trazendo suas percepções, ideias, pensamentos e lembranças, que embora sejam únicas, particulares, diferentes em tempo e espaços, se encontram na

---

<sup>8</sup> Caboclo segundo o dicionário da Língua Portuguesa Houaiss: 1 mestiço descendente de índio e branco 2 caipira, roceiro matuto. Adj. 3 relativo a esse mulato e caipira, seus aspectos, seus hábitos, sua índole 4 da cor morena do cobre. O conceito de Caboclo usado no propósito desse trabalho vai além da ideia de descendente de índio e branco, mas também da concepção dos moradores da vila que se autodenominam Caboclos por serem nativos da região.

teia maior que forma a memória, evitando talvez o que Peter Burke (2008, p. 88) chamou de “reação a aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos.”

Segundo Halbwachs (1990, p. 36) há duas maneiras de organização das lembranças: “[...] uma que se agrupa em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, outra que distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais”.

O que se percebe dentro desse fenômeno de organização da lembrança é que as lembranças individuais estão dentro do campo maior das lembranças coletivas. Embora, particulares a cada indivíduo, ela traz em si uma visão parcial de um todo maior que irá se formar dentro da memória coletiva. Nesse caso, o autor deixa claro que a memória coletiva envolve a memória individual.

Ainda sobre a memória individual, Halbwachs (1968, p.37) considera que,

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Com isso aglomeração das imagens individuais que possui de certa forma um objeto em comum, nessa ocorrência são memórias de indivíduos diferentes sobre o mesmo elemento, é fruto do conjunto maior formulada a partir da memória coletiva. Esse processo está intimamente relacionado com as práticas que são transmitidas para futuras gerações, como é o caso das tradições populares.

Desde pequena as crianças nascidas em Regência Augusta são inseridas a prática da pescaria, os pais são responsáveis pela transferência e as levam para praia, e

ensinam os saberes do trabalho. Isso acontece de forma muito espontânea, as crianças adoram o mar, elas nascem ouvindo histórias sobre ele e querem, também, construir suas experiências.

Nesse sentido, o grupo ao qual se está inserido é de fundamental importância para o processo de construção da memória individual. Segundo Eclea Bosi (1994, p.54) discorre que “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.”

Daí surge à necessidade, dentro da tradição oral, de fortalecimento das lembranças em comum do grupo na busca da consolidação da cultura, visto que a não ação desse objeto pode provocar esquecimento e perda da memória, ou como bem alerta Peter Burke (2008, p. 89) quando ele diz sobre “Amnésia Cultural.”

À medida que os acontecimentos retrocedem no tempo, perdem algo de sua especificidade. Eles são elaborados, normalmente de forma inconsciente, e assim passam a se enquadrar nos esquemas gerais correntes na cultura. Esses esquemas ajudam a perpetuar as memórias, sob custo, porém, de sua distorção.

Ainda confirmando a preocupação de Burke quanto ao esquecimento de práticas e saberes populares, outro escritor crítico e atencioso também traz um alerta quanto a perda do hábito de histórias contadas. Iqualmente Walter Benjamin (1994, p. 197) levanta a preocupação ao fenômeno dizendo que, “a arte de narrar está em vias de extinção.”

Regência Augusta traz a marca da oralidade presente no cotidiano, sua história permanece viva por meio da fala dos narradores que contam sobre sua vivência e junto a elas incorporam as lendas, mitos, heróis, personagens folclóricos, acontecimentos sociais exteriores que pertencem à comunidade, tudo se relaciona e ganha vida dentro do mundo simbólico da tradição oral e é justamente isso, que a torna singular.

Nesse sentido ainda, Benjamin(194, p. 205) alerta sobre a importância do vínculo entre narrador e ouvinte como fortalecimento da memória e identidade. Os ouvintes precisam se identificar como um elemento pertencente à cadeia cultural, sujeitos que carregam a herança de seus ancestrais, num movimento de encontro, onde as diferentes gerações se descobrem dentro da mesma história contada. Segundo ele, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”

A particularidade de cada narrador é de certa maneira entrelaçada pela história que foi contada anteriormente. Pois, como afirma Eclea Bosi (1994, p. 55) “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” A dinâmica de relação entre experiências passadas com a dinâmica do tempo presente resulta numa memória resignificada, onde as lembranças se encontram e garantem a vivência dos valores e hábitos cotidianos do grupo.

Regência Augusta é uma sobrevivente. A memória coletiva da comunidade está guardada pelos narradores, anciãos que não permitem que o tempo leve embora toda a história de vida que foi construída até aqui. É com orgulho que eles contam a história da vila emaranhada a sua própria vida: uma história de gente simples que vive da pesca, do mar, que canta a vida embalada no ritmo do reco-reco, da casaca e a batida do tambor.

São duzentos anos de memória garantidos pela sabedoria dos mestres narradores que se propõem a perpetuar as experiências de suas vidas aos mais jovens. Igualmente as histórias sobre o rio continuam a existir no imaginário das pessoas, porque o que se ouviu sobre ele, de uma experiência anterior, pode ser também vivida e sentida com a experiência do agora, dessa geração. E o rio vai vivendo nas lembranças e sendo resignificada a cada nova geração, pois como afirma Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores.”

Em Regência Augusta os narradores são também chamados de mestres e são os responsáveis pela prática do Congo<sup>9</sup>. Muitos mestres, contadores da história da vila, usam o congo como uma prática cultural que possibilita a permanência da memória coletiva da tradição popular local, uma vez que as letras das músicas estão repletas de histórias que são significativas ao grupo.

O mestre é um dos principais elementos do Congo. Ele é o líder e conduz todos os participantes da banda. Sua figura é caracterizada pelo uso do apito que, marca a temporalidade das ações durante as apresentações da banda, e uma espada. Normalmente é o representante mais velho do grupo, sua figura é marcada pela autoridade, estima e admiração. Durante as conferências,<sup>10</sup> o mestre tem o direito à fala, pois ele é o guardião da prática cultural.

A figura do mestre dentro da prática do congo pode ser visto como a representatividade de um narrador, pois é ele quem conduz a tradição do congo, absorvendo as tantas outras vozes que construíram as histórias anteriormente e por meio da poética da oralidade ele vai reafirmando os laços sociais, dando lugar aos costumes, valores, hábitos locais. Assim, pela palavra, a voz do mestre vai ecoando ensinamentos e saberes, garantindo a tradição oral de Regência Augusta. De acordo com Benjamin (1994, p. 200)

---

<sup>9</sup> Congo é um dos muitos conjuntos de danças, músicas e manifestação folclóricas trazida pelos escravos ao Brasil no Período Colonial. É particularmente caracterizada pelo uso de tambores em variados tamanhos, trajes e coreografias típicas e cânticos que invocam os Deuses. Atualmente é uma manifestação folclórico/religiosa, onde se prestam homenagens a São Benedito e a Nossa Senhora da Penha, em festas que acontecem ao longo dos meses de dezembro e janeiro. São comuns no Espírito santo as festas dedicadas a São Benedito, onde se derruba uma árvore alta, corta-se os galhos deixando só o tronco, que será o "mastro de São Benedito", que é levado pelas ruas e fixado em um pátio da festa, onde se coloca um estandarte com a figura do santo. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/632>>. Acesso 11/05/2017.

<sup>10</sup> São encontros que acontecem depois das apresentações das bandas. Nessa ocasião são discutidas as demandas referentes às bandas de congo.

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, as vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos.

As histórias de vida vão se entrelaçando as outras tantas histórias e garantindo por meio da tradição oral a memória coletiva e a identidade cultural da vila. Nesse processo algumas atividades ainda se mantêm salvaguardado e apresenta práticas tradicionais significativas a comunidade, como as festas que mantem o ciclo cultural dos eventos . Dentre elas, podemos citar as festas de Caboclo Bernardo, Festa dos Pescadores, Festa da Levantada do Mastro, Festa de Santa Catarina e em todos esses momentos a banda de congo está presente e é por causa dela que as festas acontecem.

As festas populares, as canções e os encontros são ações para celebrar coletivamente a tradição, nesse caso em específico o congo, e serve para fortalecer os laços que unem os indivíduos bem como atuam na manutenção da identidade coletiva desse determinado grupo. Como nas canções do Congo em que guardadas de memória ou improvisadas, elas falam de temas do cotidiano: o mar, o peixe, os santos, os amores. Ela está diretamente relacionada a vida em comunidade, na articulação autêntica e espontânea entre as narrativas dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS:

- BAHIENSE, Nobertino. **O Caboclo Bernardo: O Naufrágio do Imperial Marinheiro e Outros** – Rio Doce. 2ª ed. Rio de Janeiro:1971.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Espírito Santo (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Arquitetura/ Secretaria de Estado da Cultura**. Conselho Estadual de Cultura. Vitória: SECULT, 2009.
- GUEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- MEIHY, J.C.S.B; HOLANDA, F. **História Oral: Como Fazer Como Pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015
- ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Revista Continente; Brasília: INL, 1980
- SUZANO, Elber. **Linhares (1800 - 2005): História, cultura e atualidade**. Editora: Lis, 2005
- ZUNTI, Maria Lúcia Grossi. **Panorama Histórico de Linhares**. 2ªed. Linhares: Pousada das Letras, 2000.